

## ENTREVISTA

### [MOREIRA DE ACOPIARA<sup>1</sup>]

Genival Oliveira Carvalho<sup>2</sup>  
(equipe editorial *Último Andar*)

Sendo o presente número da *Último Andar* dedicado ao tema “Literatura, Religião e Arte”, surgiu a idéia de entrevistar alguém habituado a transitar por estas fronteiras em seus fazeres. O cordelista Moreira de Acopiara, que bem se envereda pelo universo da religiosidade popular, já fez cordel sobre Padre Cícero e sobre Dom Helder Câmara, mas não se prende nem a estilos nem a temas. Todos os anos, e às vezes mais de uma vez, vem ao programa de Ciências da Religião da PUC-SP para dividir vivências e ideias, a convite do professor Ênio Brito. Aproveitamos a visita para entrevistá-lo e aprender mais um pouco sobre o cordel, veículo de rimas nas creças e em tantos temas. Confira:



**Último Andar:** Conte- nos um pouco da sua história.

<sup>1</sup> Poeta e escritor, estudioso e conhecedor da cultura popular brasileira, declamador, já publicou dezenas de cordéis. Em 2004 foi eleito para ocupar a cadeira de número 4 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), entidade fundada em 1981 e sediada no Rio de Janeiro. Transita com tranqüilidade pelo conto e pelo teatro, gravou dois CDs com poemas de sua autoria e tem trabalhos musicados e gravados por artistas como Téo Azevedo, Jackson Antunes e Chico Galvão e Zé Viola, dentre outros. Tem vários livros publicados: “*Meu Jeito de Ser Feliz*”, “*Cidadão Nordestino*”, “*Ai Que Saudade Que Tenho*” e “*Com o Pé Direito na Frente*”. Contatos: (11) 4308-8749, 4308-8749, 99201-7961(claro), 96342-9069(tim).

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP. Bolsista CAPES. Membro dos grupos de pesquisa “Psicologia e Ateísmos”, coordenado pelo Prof. Edênio Valle e “Religião e Pós-Modernidade”, coordenado pelo Prof. José J. Queiroz. [olgenival@hotmail.com](mailto:olgenival@hotmail.com)

**Moreira de Acopiara:** Nasci no dia 23 de julho de 1961, no sítio Cantinho, distrito de Trussu, município de Acopiara, sertão central do Ceará, a 370 quilômetros de Fortaleza. Meu pai era dono de terra e gado. Nesse lugar maravilhoso a energia elétrica ainda não tinha chegado, então não tinha televisão. Também não tinha escola por perto. Fui alfabetizado por minha mãe, que tinha sido professora antes de se casar com meu pai. Em minha casa havia muitos livros, e minha mãe nos contava muitas histórias e lia muitas coisas para nós. Com 13 anos de idade conheci o poeta Patativa do Assaré, que fazia o que eu faço hoje, ou seja, andava por aquelas cidades divulgando o seu trabalho e declamando seus versos em escolas, teatros, bibliotecas, praças e centros culturais. Por esse tempo eu já tinha tido os primeiros contatos com o cordel. Em seguida comecei a escrever os primeiros versos, mas ainda algo sem qualidade. Patativa abriu-me muitas portas, me ensinou muitas coisas no campo da poesia e foi minha principal referência.

**UA:** O que é a literatura de cordel?

**MA:** Literatura de cordel é, a meu ver, literatura popular em verso. Quando eu era adolescente ouvia as pessoas falarem em folheto, livrinho de feira, livreto ou romance.

**UA:** Como surgiu a literatura de cordel?

**MA:** Vem da oralidade, e chegou ao Brasil juntamente com o colonizador europeu, mas remonta de muito antes. Acho que quando inventaram a palavra já inventaram os textos com ritmo (métrica) e com palavras parecidas (rimas), especialmente para facilitar a memorização, já que não tinham como registrar isso no papel. No século XVI o **Renascimento** popularizou a **impressão** desses relatos orais, e mantém-se uma forma literária popular no **Brasil**. O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para a venda, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes em **Portugal**. No **Nordeste do Brasil** o nome foi herdado, mas a tradição do barbante não se perpetuou. Eu mesmo nunca vi folhetos expostos à venda assim. Vi muitas vezes espalhados no chão, sobre uma lona, ou dentro de uma mala. Alguns poemas são ilustrados com **xilogravuras**, também usadas nas capas. As estrofes mais comuns são as sextilhas (seis versos) de sete sílabas poéticas. Depois vêm as setilhas (estâncias com sete versos, também com sete sílabas). Oitavas e décimas, assim como os versos decassílabos e hendecassílabos são praticados por poetas mais sofisticados e pelos repentistas. Os cordelistas costumam recitar os seus versos de forma melodiosa e cadenciada,

a fim de chamar a atenção de possíveis compradores. Já os repentistas cantam acompanhados de viola, de improviso, com toadas tradicionais, e de acordo com a realidade do momento.

**UA:** Atualmente existe renovação na tradição do cordel?

**MA:** Sim. Em São Paulo temos vários cordelistas atuantes, assim como repentistas. E no Nordeste todo, sendo que no Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba o movimento é mais forte. Temos ainda a [Academia Brasileira de Literatura de Cordel](#) (ABLC), com sede no [Rio de Janeiro](#), fundada em 1988 e que reúne expoentes desse gênero literário.

**UA:** Existem temas favoritos / predominantes no seu trabalho? O que o inspira?

**MA:** Não tenho temas favoritos e não acredito em inspiração, mas gosto muito de falar sobre o Nordeste brasileiro, especialmente sobre o sertão. Escrevo muito também sobre saudade, cangaço e política. E para produzir um texto preciso antes de tudo descobrir um tema, me apaixonar e me familiarizar com ele. Depois faço um projeto aqui na minha cabeça e começo a produzir as estrofes, tudo muito lentamente. Também faço muitos cordéis por encomenda.

**UA:** Como entra a religiosidade popular no seu trabalho?

**MA:** Escrevo sobre todos os assuntos. Gosto muito de religiosidade popular. Já fiz cordel sobre Padre Cícero e sobre Dom Helder Câmara, mas não me prendo nem a estilos nem a temas.

**UA:** É possível estabelecer uma relação entre literatura, religião e arte no seu trabalho?

**MA:** Sou escritor, e gosto de escrever versos rimados e medidos. Amo cordel, até por causa de sua importância na formação da cultura brasileira. Fui alfabetizado lendo cordel. Se alguma relação existe é por puro acaso.

**UA:** Sobre o nosso programa de Ciência da Religião. Como se deu esse contato? Quantas vezes já esteve conosco? Que tipo de trabalhos foram realizados ou quais conteúdos foram tratados?

**MA:** A livraria Cortez promove desde 2001 um evento chamado “Cordel da Cortez”, sempre no mês de agosto. Enfeitam a livraria toda com folhetos, expõem xilogravuras e cordéis clássicos e de autores novos, programam lançamentos de livros voltados para o tema, oficinas de cordel e de xilogravura e agendam visitas monitoradas, palestras e recitais. Já no primeiro ano me convidaram para coordenar essa bonita festa. Em um desses momentos conheci o professor Enio Brito, que foi nos prestigiar. Conversamos um pouco e ele disse que queria que eu fosse depois falar com sua turma, o que aconteceu. Desde então todos os anos, às vezes mais de uma vez, volto à PUC a convite do professor Enio. E é um momento muito descontraído, onde falo de cordel, quando e como surgiu, como chegou ao Brasil, os precursores, os principais autores de ontem e de hoje, os principais temas, a evolução gráfica e tudo o mais, e sempre intercalando com poemas autorais nos mais variados temas. Falo muito também da minha formação, já que sou autodidata, e de minhas influências, especialmente Patativa do Assaré e João Guimarães Rosa. Por fim a gente escolhe um tema e produzimos coletivamente um texto obedecendo todas as regras impostas pelo cordel. É muito divertido também.

**UA:** Há na história da literatura de cordel uma preocupação com conscientização política?

**MA:** Não creio. Mas de um modo geral os cordelistas são bem informados, e politizados. E acabam levando isso adiante.

**UA:** Que avaliação faz da cultura popular brasileira hoje?

**MA:** Cultura popular é a base das outras culturas. O cordel está atravessando uma excelente fase, sendo tema de monografias, dissertações e teses em faculdades e universidades de todo o Brasil. Livros na linha do cordel têm sido adquiridos pelo governo federal e estão em bibliotecas de escolas públicas de todo o Brasil. Eu mesmo já tive seis livros que entraram nesses programas. Uma glória!

**UA:** Qual é a situação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, da qual o senhor faz parte desde 2004?

**MA:** Uma referência, um ponto de apoio. Nós nos reunimos uma vez por mês. Sempre há uma eleição, uma posse, uma homenagem, lançamento de algum livro. A posse mais

recente foi a do grande músico brasileiro, cantor, compositor e grande cordelista, o baiano Moraes Moreira. Pesquisadores do mundo inteiro visitam a ABLC em busca de informações.

**UA:** Como avalia o desfile da Acadêmicos do Salgueiro, em 2012, que teve como enredo Cordel Branco e Encantado?

**MA:** A exemplo da novela Cordel do Fogo Encantado, que a televisão Globo levou ao ar, serviu para mostrar o cordel para todo o Brasil. E até para o mundo. A escola de samba pecou porque não acatou os conselhos da ABLC, muito embora tenhamos feito várias reuniões. Em uma dessas ficou acertado que eles fariam três carros alegóricos tendo como base três cordéis famosos: *O pavão misterioso*, *O capitão do navio* e *Juvenal e o dragão*. Por questão de economia acabaram optando por fazer apenas um, que foi *O pavão*. Mesmo assim ficaram em segundo lugar, perdendo para o forró de Luiz Gonzaga. Não fiquei de todo satisfeito, mas me consolou o fato de o título ter ficado no Nordeste.

**UA:** Que outras notícias e/ou informações sobre o cordel, os nossos leitores da Revista Último Andar deveriam saber?

**MA:** Que o cordel, do modo como ele é feito hoje, pode ser considerado genuinamente brasileiro; que sempre foi um facilitador no processo de letramento; que o enredo curto e os poucos personagens facilitam o entendimento; que as rimas e a metrificação facilitam a memorização; que, além de ter sido muito importante na formação da cultura brasileira como um todo, foi fonte de inspiração para escritores, como João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Cora Coralina, Jorge Amado, Manoel Bandeira e Graciliano Ramos, só para citar alguns; que muita gente confunde cordel com repente, e até com razão, já que a linguagem é a mesma e os dois são galhos de um mesmo tronco; que está presente na música, no teatro, na literatura e no cinema; que influenciou músicos como o já citado Moraes Moreira, além de Zé Ramalho, Belchior, Alceu Valença, Chico César e Zeca Baleiro; que foi tido como Cartilha do sertanejo, num tempo em que escolas eram coisas raras no sertão nordestino e as pessoas aprendiam a ler (inclusive eu) soletrando as sílabas dos versos metrificados do cordel; que ficou conhecido como jornal do sertanejo, num tempo em que o jornal impresso só circulava nas grandes cidades, então os poetas populares faziam cordéis tendo como tema notícias espetaculares e iam vender seus livretos nas feiras do interior, de modo que o homem simples do sertão, ao comprar um cordel, se exercitava na leitura e ficava

sabendo o que estava acontecendo ao redor do mundo. E que, para finalizar, vou deixar aqui umas estrofes que fiz a partir do mote “*O cordel é coisa antiga, / Mas não vai envelhecer*”:

O cordel vem do passado,  
No presente se revela.  
Virou tema de novela  
Porque foi sempre encantado.  
Rimado e metrificado  
É passatempo e lazer.  
Faz acadêmico tremer,  
Falando de paz e briga.  
*O cordel é coisa antiga,  
Mas não vai envelhecer.*

Do sertão ao litoral  
Fala de guerra e de tropa.  
Nasceu nas terras da Europa,  
Entre Espanha e Portugal.  
No Brasil colonial  
Ele transmitiu saber,  
Noticiou, deu prazer...  
Leia também e me diga:  
*O cordel é coisa antiga,  
Mas não vai envelhecer.*

Possui história tão rica

Que faz a gente achar graça.

Quanto mais o tempo passa

Mais atual ele fica.

Chicó se impõe e se explica,

Pedro Sem morreu sem ter.

João Grilo quer responder

Até pergunta que intriga.

*O cordel é coisa antiga,*

*Mas não vai envelhecer.*

É cultura verdadeira,

Vem dos nossos ancestrais;

Dos poetas atuais

Vem levantando a bandeira.

A cultura brasileira

Ele ajudou a fazer.

Não vai desaparecer

Do mundo que nos abriga.

*O cordel é coisa antiga,*

*Mas não vai envelhecer.*

Tenho a terra nordestina

Bem viva em minha lembrança:

*Os doze Pares de França,*

*Princesa da Pedra Fina,*

*E História de Josefina,  
Que eu consegui aprender.  
É bem fácil compreender,  
Leio sem sentir fadiga.  
O cordel é coisa antiga,  
Mas não vai envelhecer.*

*Eu nunca esqueço a magia  
Nem o enredo engenhoso  
D'O Pavão Misterioso,  
D'O Valente Zé Garcia,  
Coco Verde e Melancia,  
O Direito de Nascer...  
E outros que hão de aparecer  
Fortalecendo essa liga.  
O cordel é coisa antiga,  
Mas não vai envelhecer.*

*Lembro João sem direção,  
As astúcias de Camões,  
Vicente, o rei dos ladrões  
E O vaqueiro Damião.  
Grinaura e Sebastião  
Cedo eu pude conhecer.  
Eu nunca vou esquecer*

*A Cigarra e a Formiga.*

*O cordel é coisa antiga,*

*Mas não vai envelhecer.*

*O Herói João de Calais*

Para mim foi um tesouro.

*Roldão no Leão de ouro*

Eu não esqueço (jamais).

*Roberto do Diabo faz*

Qualquer um estremecer,

Pra depois surpreender,

Mostrando ter mão amiga.

*O cordel é coisa antiga,*

*Mas não vai envelhecer.*

É que o cordel representa

Os feitos da humanidade,

Ficção e realidade,

Fatos que o povo comenta.

Até tem alguém que tenta

Ao mesmo desmerecer,

Mas essa gente vai ter

Que aprender esta cantiga:

*O cordel é coisa antiga,*

*Mas não vai envelhecer.*

Foi a maior novidade  
Quando invadiu o sertão,  
Foi ganhando projeção  
E agora está na cidade,  
Chegou à Universidade,  
Continuou a crescer,  
Educar e entreter...  
Quem quer saber investiga.  
*O cordel é coisa antiga,*  
*Mas não vai envelhecer.*